

HENRY JAMES
Pelos olhos de Maisie

Introdução e comentários

CHRISTOPHER RICKS

Tradução

PAULO HENRIQUES BRITTO



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução e dos comentários
© 2010 by Christopher Ricks
Copyright da cronologia © 2007 by Philip Horne

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress
are registered and/or unregistered trademarks
of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association
with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
What Maisie Knew

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro e Cláudia Warrak

PREPARAÇÃO
Ciça Caropreso

REVISÃO
Huendel Viana
Daniela Medeiros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

James, Henry, 1843-1916.

Pelos olhos de Maisie / Henry James ; introdução e comentários de Christopher Ricks ; tradução Paulo Henriques Britto. — São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

Título original: What Maisie Knew.

ISBN 978-85-63560-02-5

1. Ficção norte-americana I. Ricks, Christopher. II. Título

10-05635

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

| | |
|---|-----|
| <i>Introdução</i> | 9 |
| PELOS OLHOS DE MAISIE | 33 |
| Cronologia | 357 |
| Cinco resenhas (1897) de <i>Pelos olhos de Maisie</i> | 365 |
| Henry James comenta <i>Pelos olhos de Maisie</i> | 373 |
| Prefácio à edição nova-iorquina, volume IX, 1908 | 389 |
| Comentários | 399 |

O litígio parecera interminável, e fora de fato complicado; mas com o recurso, a decisão da vara de família quanto à guarda da criança foi confirmada. O pai, o qual, embora respingado de lama da cabeça aos pés, havia conseguido se impor, conquistou, em consequência dessa vitória, o direito de ficar com ela: não que o caráter da mãe tivesse sido atingido de modo mais absoluto, mas o brilho de uma tez feminina (e a desta senhora em particular foi, durante o julgamento, alvo de todas as atenções) talvez tivesse o efeito de tornar as nódoas mais visíveis. Porém a sentença final continha uma cláusula que a tornava menos agradável para Beale Farange: ele deveria reembolsar à ex-esposa as duas mil e seiscentas libras por ela entregues, cerca de três anos antes, para o sustento da criança, tendo ficado expressamente estabelecido que o sr. Farange não poderia usufruir da referida quantia, a qual seria administrada por ele, e da qual o sr. Farange não conseguiu em absoluto prestar contas. Essa obrigação imposta a seu adversário foi um bálsamo considerável para o ressentimento de Ida; atenuou em parte o amargor da derrota e levou o sr. Farange a baixar a crista visivelmente. Ele não tinha como devolver a quantia nem dispunha de meios para levantá-la; assim, após uma altercação quase tão pública e tão indecorosa quanto a batalha original, a única saída por ele encon-

trada foi uma solução conciliatória proposta por seus advogados e por fim aceita pelos dela.

Nos termos do acordo, a dívida do sr. Farange foi perdoada e a questão da guarda da menina recebeu uma solução digna de Salomão. A criança foi dividida em duas, e as porções foram entregues aos querelantes de modo imparcial. Cada um ficaria com a filha, alternadamente, por períodos de seis meses; assim, ela passaria metade do ano com o pai, metade com a mãe. Uma solução questionável aos olhos que ainda ardiam da luz feroz projetada pelo tribunal — uma luz à qual nem o pai nem a mãe pareciam em absoluto um bom exemplo para uma criança inocente. Com base nos testemunhos prestados, era de se esperar que fosse nomeada, *in loco parentis*, alguma terceira pessoa, algum amigo respeitável, ou ao menos apresentável. Ao que parecia, porém, não fora possível encontrar tal prodígio no círculo em que transitavam os Farange; assim, a única solução capaz de contornar todas as dificuldades, que não a de enviar Maisie para um orfanato, foi dividir a guarda tal como expliquei acima. Havia mais motivos para que os pais concordassem com essa solução do que jamais houvera para que concordassem com qualquer outra coisa; e agora preparavam-se para desfrutar, com a ajuda da criança, a distinção da vulgaridade devidamente atestada. A separação fora ruidosa, e tendo eles sido de uma insignificância absoluta quando juntos, separados haveriam de ser notáveis. Pois não haviam causado tamanha impressão que alguns chegaram a publicar nos jornais apelos em prol da pobrezinha — ditados, em meio a um público vociferante, pela ideia de que se deveria dar início a uma campanha, ou que alguma boa alma deveria oferecer-se? De fato, uma senhora bondosa chegou a manifestar-se: parenta distante da sra. Farange, propôs que, tendo em casa filhos e todas as instalações necessárias, lhe fosse entregue o pomo da discórdia, para que, inserindo-o em seu siste-

ma doméstico, ela aliviasse ao menos um dos pais. Nesse caso, para Maisie, a mudança, após seus seis meses com Beale, seria bem maior.

“Maior?”, exclamou Ida. “Já não será uma mudança e tanto ela vir das mãos daquele brutamontes para as da pessoa que mais o odeia no mundo?”

“Não, porque você o detesta tanto que há de viver falando dele para ela. E de tanto xingá-lo, ele estará sempre presente para a menina.”

Os olhos da sra. Farange arregalaram-se. “Então devo deixar que ele diga o diabo de mim sem fazer *nada*?”

A boa senhora, por um momento, não deu resposta: seu silêncio constituía um juízo severo de todo o ponto de vista de sua interlocutora. “Pobre criatura!”, exclamou por fim; e estas palavras foram um epitáfio para o túmulo da infância de Maisie. Ela foi abandonada a seu destino. Estava claro para qualquer observador que o único vínculo que a unia a cada um de seus pais era o fato lamentável de ser ela um veículo fácil para o rancor deles, uma xícara de porcelana, pequena mas funda, boa para misturar ácidos cortantes. Queriam-na não pelo bem que pudessem fazer a ela, mas pelo mal que, com a ajuda inconsciente dela, cada um poderia fazer ao outro. Ela serviria a seus ódios e selaria suas vinganças, pois tanto o marido quanto a mulher haviam sido golpeados pela pesada mão da justiça, a qual terminara por não atender a nenhuma das duas partes, ambas as quais afirmavam, indignadas, querer a vitória total. Se cada um levaria apenas a metade, isso parecia querer dizer que nenhum dos dois era tão ruim quanto o outro afirmava — ou, encarando-se a situação de outra maneira, que ambos eram ruins de fato, pois um não era melhor que o outro. A intenção original da mãe era, como ela própria dissera, impedir que o pai “sequer olhasse” para a filha; o pai contra-argumentava que qualquer contato com a mãe, por mais leve que fosse, era “nada menos que con-

taminação”. Eram esses os princípios opostos em que se fundaria a educação de Maisie — ela que encaixasse um no outro como bem entendesse. Nada mais tocante do que a constatação de que, no início ao menos, a menina nem ao menos imaginava a provação que aguardava sua pequena alma impoluta. Alguns horrorizavam-se ao pensar no que os dois poderiam fazer em conjunto: a ninguém ocorreu a possibilidade de que eles não conseguiriam fazer nada de mau.

Tratava-se de uma sociedade em que as pessoas dedicavam a maior parte de seu tempo à conversa-fiada; porém o casal separado agora tinha ao menos motivos para esperar uma temporada de muita atividade. Arregaçaram as mangas; parecia-lhes que a briga estava apenas começando. Sentiam-se mais casados do que nunca, já que para eles o casamento fora acima de tudo uma oportunidade constante para brigar. Antes havia os que tomavam partido, e agora também; também para os partidários as perspectivas abriam-se, sob a forma agradável de uma superabundância de assunto para conversações aleatórias. Os inúmeros amigos dos Farange reuniam-se para discordar sobre eles; as contradições renovavam-se mais uma vez, regadas a chá e charutos. Todos estavam sempre afirmando, com absoluta certeza, coisas muito chocantes, e ninguém se divertiria se ninguém dissesse coisas escandalosas. Aqueles dois pareciam ter um atrativo social que só não surtia efeito no que se referia a um e outro: de fato, se havia algo de bom a dizer-se de Ida era que apenas Beale queria seu sangue; e, de Beale, que a única pessoa capaz de arrancar-lhes os olhos era sua esposa. Para começar, no consenso de todos, eram os dois belíssimos — na verdade, jamais tinham sido analisados a ponto de chegar-se a um resíduo mais profundo que este. Assim, por exemplo, os dois juntos somavam cerca de três metros e setenta de altura, e nenhuma questão era mais discutida do que o modo como essa estatu-

ra era dividida. A única imperfeição na beleza de Ida era o comprimento excessivo dos braços, graças ao qual, talvez, ela derrotara o ex-marido tantas vezes na mesa de bilhar, jogo em que ela manifestava uma superioridade que era, em sua opinião, uma das causas do ressentimento manifestado por Beale através de atos de violência física. O bilhar era a maior realização de Ida e a primeira distinção mencionada sempre que seu nome vinha à baila. Fora algumas linhas muito alongadas, tudo que poderia ser grande, e que embelezava muitas mulheres por sê-lo, nela era, com uma única exceção, mencionado e admirado por sua pequenez. Esta exceção eram os olhos, que, embora medíocres de tamanho, conseguiam extravasar as modestas medidas naturais; sua boca, por outro lado, era quase imperceptível, e com frequência era comum que se fizessem apostas referentes à medida de sua cintura. Era uma pessoa que, quando saía — e saía sempre —, causava, aonde quer que fosse, a impressão de ser vista com frequência, ou mesmo de abusar do direito de ser vista, de modo que, nos lugares habituais, seria um tanto vulgar admirá-la abertamente. Apenas os estranhos o faziam; porém estes, para o deleite dos habituados, faziam-no com ênfase: era uma manifestação inevitável da condição de forasteiro. Tal como seu marido, fazia mais que exibir as roupas que usava: transportava-as, como um trem transporta passageiros; havia quem comparasse o gosto dos dois e discutisse a respeito do modo como esses artigos se acomodavam neles, se bem que, em geral, todos tendessem a achar Ida menos apinhada que Beale, especialmente no que dizia respeito a joias e flores. Beale Farange dispunha de adornos naturais, uma espécie de fantasia composta de uma barba loura e abundante, brunida como um peitoral dourado, e dentes sempre reluzentes, que os longos bigodes eram penteados de modo a não ocultar e que lhe davam, em todas as situações possíveis, um ar de alegria de viver.

Na juventude, fora encaminhado para a diplomacia e estivera temporariamente vinculado, sem salário, a uma missão diplomática, circunstância esta que lhe permitia dizer com frequência: “No tempo em que eu estive no Oriente...”. Porém a história contemporânea, ao que parecia, não precisara de seus préstimos, passara por ele célere e deixara-o perpetuamente em Piccadilly. Todos sabiam o quanto ele tinha — apenas duas mil e quinhentas libras. À pobre Ida, que já dera cabo de tudo que possuía, só restavam a carruagem e o tio paralítico. Este velho desgraçado, como costumava ser qualificado, era supostamente dono de uma fortuna considerável. O futuro da menina estava garantido, graças a uma herança deixada por uma madrinha astuta, uma falecida tia de Beale: os pais só tinham acesso aos rendimentos.